

ESCAMOTEAR E POR NA PACINA NEVADA

AIDS: a reação terrorista

Desde o seu aparecimento a AIDS vem provocando as mais disparatadas reações. Muitos tentaram — e tentam — fazer da AIDS uma espécie de "castigo divino" cujo objetivo seria punir impenitentes pecadores. Estes mesmos anunciaram que a doença iria "acabar com a humanidade". Estão, agora, insistentemente, anunciando novos pavores.

Em resposta ao terrorismo, ao alarmismo, ergueu-se um amplo movimento mundial baseado na solidariedade. Compõem esse movimento inúmeras organizações comunitárias de todas as partes do planeta, como também cientistas e cidadãos responsáveis. São constatações simples mas essenciais que dão força a esse movimento. Primeiro, a AIDS é uma doença como todas as outras. Vai ser enfrentada e vencida, como todas as outras doenças. Não há nenhum mistério metafísico por trás dessa epidemia. Não é nem castigo nem punição; é simplesmente uma infecção virótica de conseqüências gravíssimas (como eu já disse, o vírus não tem moral). Atualmente, cada vez mais, a AIDS é uma doença tratável (dizer que ela é incurável e ponto é parte do terrorismo). Tende a se tornar uma doença crônica, como muitas outras.

Segundo, a AIDS pode ser evitada. A prevenção baseia-se na clara informação, dada de maneira direta, baseada nos conhecimentos científicos, combatendo o pânico, os preconceitos e a discriminação. É preciso uma ampla mobilização da sociedade para vencer esta epidemia. Todos somos responsáveis. E as autoridades de saúde, em primeiro lugar. Infelizmente, no Brasil (um dos países mais afetados pela epidemia), as autoridades de saúde ainda não se deram conta da importância da epidemia provocada pelo HIV. Ainda não existe uma estratégia nacional de enfrentamento da AIDS. Por isto, tudo deixa prever uma catástrofe, para os próximos anos. Para evitar danos maiores, nosso esforço tem que ser maior. Informar e estar bem informado é uma questão de vida.

Terceiro, a luta contra o vírus da AIDS é também uma luta contra a onda de pânico, desinformação, preconceitos e discriminação. Os terríveis efeitos sociais provocados pelo HIV têm sua resposta na **solidariedade**. Ao clamor do terrorismo e da hipocrisia contrapomos nosso grito de "viva a vida", nossa ener-

gia advinda da esperança. Ao horror dos preconceitos respondemos com nossa crença na democracia. Estamos sempre afirmando a vida declarando: "Cuidemos uns dos outros".

Tudo isso é recusado por uma série de artigos que recentemente inundam nossa imprensa. São principalmente religiosos que fazem da intolerância uma bandeira principal. Esses textos — inclusive os de D. Eugênio Sales, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro — têm feito um grande mal. Estão sempre defendendo o vírus, culpabilizando os doentes. Essas opiniões (não são mais que isto) perturbam toda prevenção, ao mistificar as informações sobre a doença e a epidemia.

Podemos observar que as atitudes reacionárias têm aumentado nos últimos meses. É o clima da época. Por seu lado, o vírus agraciado, agradece. Este é exata-

mente o clima favorável ao seu desenvolvimento.

Por nosso lado, nós lamentamos. Sabemos que o resultado dessa intransigência e desses apelos à hipocrisia vai ser mais morte, mais sofrimento.

Não nos deixemos abalar por essas opiniões equivocadas. Elas não fazem mais do que divulgar um atestado de morte civil. A vida é muito mais rica do que a mesquizez do preconceito. Contra os defensores dessa pena de morte civil, vamos continuar impondo nosso grito de

VIVA A VIDA!

Texto escrito por Herbert Daniel — ex-presidente do Grupo pela VIDDARJ — a pedido da API-AIDS (Associação Petropolitana Interdisciplinar de AIDS), em dezembro de 1991.

